

“Eu sei por que você não acredita em Deus!”

Uma reflexão sobre o “desigrejamento” na pós-modernidade

“I Know Why You Do Not Believe in God!” A Reflection on “Dischurching” in Postmodernity

*Petterson Brey¹
Jonas de Souza Netto²*

Resumo: O “desigrejamento”, conforme apontam as estatísticas mais recentes (Censo IBGE 2010, Pesquisa DATAFOLHA 2022), já não pode ser diretamente associado ao ateísmo. A maioria dos indivíduos que se afastam das instituições religiosas tradicionais ainda se identifica como crente e continua a buscar experiências espirituais. Esse fenômeno reflete uma procura por novas formas de vivenciar a fé, menos ligadas às estruturas institucionais e mais conectadas a experiências pessoais e significativas de espiritualidade, sem rejeitar a crença religiosa. Muitos pensadores e autores, como Friedrich Nietzsche, Zygmunt Bauman, José Casanova e David Harvey, ajudam a compreender o “desigrejamento” como parte de uma crise de sentido na modernidade, onde as mudanças sociais, culturais e econômicas contribuem para a rejeição das instituições religiosas em favor de práticas espirituais mais individuais e flexíveis. Nesse cenário, o “desigrejamento” revela uma prática religiosa marcada pela autonomia espiritual e personalização da fé, refletindo a necessidade de reinterpretação da religiosidade no contexto pós-moderno.

Recebido em 13 de fevereiro de 2025
Aceito em 21 de maio de 2025

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pós-Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo, pettersonbrey@gmail.com.

² Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista e mestrando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP, jonas@soboasnovas.com.br.

Palavras-chave: Ateus; Crentes; Desigrejados; Desigrejamento; Sem Igreja.

Abstract: The “unchurching” phenomenon, as highlighted by the most recent statistics (Censo IBGE 2010, Pesquisa DATAFOLHA 2022), can no longer be directly associated with atheism. Most individuals distancing themselves from traditional religious institutions still identify as believers and continue to seek spiritual experiences. This phenomenon reflects a quest for new ways of experiencing faith, less tied to institutional structures and more connected to personal and meaningful experiences of spirituality, without rejecting religious belief. Many thinkers and authors, such as Friedrich Nietzsche, Zygmunt Bauman, José Casanova, and David Harvey, help to understand “unchurching” as part of a crisis of meaning in modernity, where social, cultural, and economic changes contribute to the rejection of religious institutions in favor of more individual and flexible spiritual practices. In this context, “unchurching” reveals a religious practice characterized by spiritual autonomy and the personalization of faith, reflecting the need to reinterpret religiosity in a postmodern context.

Keywords: Atheists; Believers; Church disengagement; Unchurching; Churchless.

Introdução

O “desigrejamento” é um fenômeno que se destaca na pós-modernidade,³ caracterizado pelo afastamento crescente de pessoas das instituições religiosas tradicionais, especialmente igrejas cristãs. Esse movimento é impulsionado por uma série de fatores, como a desilusão com a hierarquia e a organização institucional, críticas à hipocrisia percebida, escândalos eclesiais, e a busca por experiências espirituais mais pessoais e menos formalizadas. Esses fatores são intensificados pelos valores da pós-modernidade, que enfatizam o individualismo, a autonomia e uma espiritualidade personalizada. Como resultado, muitos optam por viver sua fé fora

³ A pós-modernidade pode ser entendida como um conjunto de transformações sociais, culturais, artísticas, filosóficas, científicas e estéticas ocorridas após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, a pós-modernidade, segundo Zygmunt Bauman, é uma continuidade da modernidade sob a perspectiva da “modernidade líquida”, marcada pela fluidez nas relações sociais, identidades e instituições. Essa era é caracterizada pela fragilidade dos laços comunitários, pelo individualismo e por um mercado de trabalho precário e flexível (BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, p. 7-15).

das estruturas convencionais, adotando formas de religiosidade mais fluidas e adaptadas às suas próprias perspectivas.

Esse fenômeno do ponto de vista antropológico está relacionado à fé, como um componente essencial na constituição do ser humano, ligado à maneira como se lida com o desconhecido e a busca por sentido. Como destacam sociólogos e antropólogos como Émile Durkheim e Victor Turner, a fé estrutura tanto a vida individual quanto a social, fornecendo coesão e segurança emocional diante das incertezas.

Como expressa a canção de Gilberto Gil, “Andar com fé”, que ressalta a fé como uma força essencial na vida humana, transcendendo crenças religiosas e funcionando como uma ferramenta universal para superar adversidades. A música aborda a fé como uma qualidade existencial que oferece sentido e direção, mesmo sem certezas absolutas, refletindo sua adaptabilidade às necessidades individuais e à espiritualidade contemporânea, fora de estruturas religiosas formais:

Certo ou errado até / A fé vai onde quer que eu vá /
Oh, oh
A pé ou de avião
Mesmo a quem não tem fé / A fé costuma
acompanhar / Oh, oh
Pelo sim, pelo não
Andá com fé eu vou / Que a fé não costuma faia /
Olêlê
Andá com fé eu vou / Que a fé não costuma faia /
Olálá⁴

A importância deste tema é evidenciada, também, pela crescente produção de obras que o abordam. Entre elas estão: Igreja? Tô fora. Gente cansada de igreja. Revolução. Feridos em nome de Deus. Por que você não quer ir à igreja? Eles gostam de Jesus, mas não da igreja. Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. Cristianismo pagão: analisando as origens das práticas e tradições da igreja. O que fazer quando não queremos ir à igreja? Casas que transformam o mundo. Alma sobrevivente. Igreja, por que me importar.⁵

⁴ Trecho da música “Andar com fé” de Gilberto Gil.

⁵ AGRESTE, R. *Igreja? Tô fora*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. AZEVEDO, I. B. *Gente cansada de igreja*. Belo Horizonte: Betânia, 2010. BARNA, G. *Revolução*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. CÉSAR, M. C. *Feridos em nome*

O título deste estudo foi intencionalmente estruturado com uma frase interrogativa subentendida — “Eu sei por que você não acredita em Deus!” —, trazendo uma provocação deliberada e um tom pretensioso. Essa escolha busca desafiar e instigar o leitor, refletindo o caráter de um estudo voltado para a análise de um fenômeno profundamente conectado ao *modus operandi* da sociedade na pós-modernidade. A formulação do título não apenas provoca, mas também sugere uma abordagem analítica que explora as causas e dinâmicas por trás da descrença no contexto contemporâneo, em que a pluralidade de pensamentos e o individualismo são marcantes.

Por isso, o objetivo desta análise é explorar esse processo, utilizando as estatísticas e pesquisas recentes, as diferentes perspectivas e ferramentas teóricas, para uma compreensão mais ampla e a identificação de possíveis respostas.

1. As estatísticas e pesquisas

O “desigrejamento” revela um fenômeno complexo que reflete mudanças profundas nas práticas religiosas e espirituais no Brasil. Esse fenômeno tem sido objeto de diversas pesquisas e levantamentos estatísticos, especialmente no contexto brasileiro. O mais importante foi o Censo de 2010,⁶ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que indicou um aumento significativo no número de pessoas que se declaram “sem religião”. Esse grupo correspondia a 8% da população. Posteriormente, o Instituto Datafolha apresentou uma pesquisa em 2022,⁷ que mostrou que esse percentual subiu para 14%,

de Deus. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. JACOBBSSEN, W.; COLEMAN, D. Por que você não quer ir à igreja? Belo Horizonte: Palavra, 2009. KIMBALL, D. *Eles gostam de Jesus, mas não da igreja*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011. ROMEIRO, P. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. VIOLA, F.; BARNA, G. *Cristianismo pagão: analisando as origens das práticas e tradições da igreja*. Belo Horizonte: Palavra, 2008. WELLS, P.; PALAU, L. *O que fazer quando não queremos ir à igreja?* São Paulo: Vida, 2008. WOLFGANG, S. *Casas que transformam o mundo*. São Paulo: Vida, 2001. YANCEY, P. *Alma sobrevivente*. São Paulo: Vida, 2004. YANCEY, P. *Igreja, por que me importar?* São Paulo: Vida, 2008.

⁶ IBGE. Censo demográfico 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 22 nov. 2024.

⁷ DATAFOLHA. *Por que jovens estão menos religiosos, mas não abrem mão da espiritualidade*. 8 jul. 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/2024/07/por-que-jovens->

sendo que entre os jovens de 16 a 24 anos, o número dos “sem religião” chegou a 25% em âmbito nacional.

1.1. O Censo IBGE de 2010

O Censo IBGE de 2010 destacou uma mudança significativa na composição religiosa do Brasil, revelando um aumento considerável no número de pessoas que se identificam como “sem religião”. Esse grupo não necessariamente inclui ateus ou agnósticos, mas pessoas que, embora possam crer em Deus ou em uma força espiritual, não se vinculam a uma instituição religiosa formal. Os principais pontos observados foram:

1. Os “sem religião”: O Censo indicou que cerca de 8% da população brasileira, aproximadamente 15,2 milhões pessoas, se identificava como “sem religião” em 2010, um aumento expressivo em relação aos censos anteriores. Este censo apontou, também, que 123,3 milhões se declararam Católicos (64,6%) contra 42,3 milhões de evangélicos (22,2%).

2. Mudança de perfil: Esse crescimento foi particularmente notável entre os mais jovens, os quais se distanciaram das religiões organizadas, buscando, em muitos casos, uma espiritualidade mais pessoal e desvinculada das tradições institucionais.

3. Causas encontradas: O aumento do individualismo, da secularização e da desilusão com escândalos religiosos foram apontados como fatores que contribuíram para essa tendência.⁸

1.2. A Pesquisa DATAFOLHA de 2022

A Pesquisa DATAFOLHA de 2022 apresentou um crescimento deste percentual para 14% (cerca de 28,4 milhões de pessoas). Isto confirmou e aprofundou essa tendência, destacando que o “desigrejamento” não é apenas um fenômeno de crescimento da descrença, mas uma mudança na forma como as pessoas vivenciam sua espiritualidade. As principais descobertas incluem:

1. Crentes, mas não praticantes: Embora muitos brasileiros tenham deixado de frequentar instituições religiosas, a maioria ainda se considera “crente”. A pesquisa revelou que uma parte significativa

estao-menos-religiosos-mas-nao-abrem-mao-da-espiritualidade.shtml >. Acesso em: 22 nov. 2024.

⁸ IBGE. *Censo demográfico 2010*. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 22 nov. 2024.

das pessoas que não frequenta igrejas ainda acredita em Deus ou em algum tipo de espiritualidade.

2. O desencanto com as instituições: Entre os motivos citados para o afastamento das igrejas estão a hipocrisia percebida, os escândalos eclesiais, a burocratização da fé e a busca por experiências mais pessoais e menos formais de religiosidade.

3. A espiritualidade personalizada: A pesquisa mostrou, também, um aumento nas formas individuais de praticar a fé, como meditação, oração privada e busca por espiritualidade fora dos espaços convencionais.

1.3. A análise dos dados de 2010 e 2022

A análise comparativa dos dados de 2010 e 2022 revela uma continuidade no crescimento do “desigrejamento”. Considerando o número de membros por denominação, o grupo dos “sem igreja” se destacaria como a maior denominação entre as igrejas evangélicas no Brasil, superando a soma das seis maiores denominações. Além disso, a análise trouxe outros detalhes importantes:

1. O crescimento dos “sem religião”: A tendência observada em 2010 continuou, com o grupo dos “sem religião” expandindo ainda mais, refletindo um movimento de afastamento institucional.

2. A busca espiritual fora da igreja: Tanto no Censo de 2010 quanto na pesquisa de 2022, foi constatado que muitos que se afastam das igrejas continuam a se identificar como crentes. Isso aponta para um “desigrejamento” que não é sinônimo de descrença, mas de uma reconfiguração da prática espiritual.

3. O contexto pós-moderno: A era pós-moderna, marcada pelo “individualismo” e pela “fluidez das identidades”, parece intensificar esse fenômeno, com uma crescente valorização da espiritualidade pessoal em detrimento das religiões organizadas.

Esses dados indicam que o “desigrejamento” no Brasil não pode ser entendido apenas como uma rejeição da fé, mas sim como uma transição nas formas de viver a espiritualidade. As instituições religiosas enfrentam o desafio de se reinventar, respondendo a essa demanda por uma espiritualidade mais autêntica e menos institucional, enquanto continuam a lidar com o crescimento de uma sociedade cada vez mais plural e complexa.

2. A influência da pós-modernidade no “desigrejamento”

O escritor e filósofo Umberto Eco e o cardeal Carlo Maria Martini desenvolveram um diálogo instigante, abordando temas centrais como a existência de Deus, o papel da religião na sociedade, a moralidade, a ética e a espiritualidade em um mundo cada vez mais secular. Esse diálogo, publicado no livro “Em que Creem os que Não Creem?”,⁹ se mostra relevante para a compreensão do fenômeno do “desigrejamento” na pós-modernidade. As correspondências trocadas entre Eco, um intelectual agnóstico, e Martini, um líder religioso, exploram a tensão entre fé e racionalidade. Eco questiona as bases da crença religiosa e discute como a ética pode ser sustentada independentemente da fé, enquanto Martini apresenta a perspectiva cristã, argumentando que a fé oferece sentido e direção à vida humana.

O livro destaca o respeito mútuo entre ambos e convida o leitor a refletir sobre as grandes questões existenciais, oferecendo uma oportunidade de diálogo entre crença e descrença em um contexto contemporâneo. Alguns aspectos relevantes para o contexto do “desigrejamento” na pós-modernidade são abordados neste diálogo, entre um leigo e um cardeal, sob uma perspectiva que busca entender as crenças e as experiências dos indivíduos:

1. A complexidade das opiniões sobre o aborto, tanto no contexto católico quanto no laico, é apresentada com empatia, reconhecendo a diversidade de perspectivas que existem e a luta entre princípios éticos, direitos individuais e considerações sociais.

2. O celibato é analisado em relação à sua relevância e aplicação no contexto atual. Uma crítica à rigidez dessa prática dentro da Igreja Católica, questionando sua adequação às realidades contemporâneas e a necessidade de uma abordagem mais pastoral.

3. Os desafios enfrentados por pessoas homossexuais dentro da Igreja, enfatiza a necessidade de um diálogo mais aberto e acolhedor, promovendo a aceitação e o respeito.

4. A questão da participação das mulheres na Igreja, especialmente no sacerdócio, é tratada como uma demanda por equidade e reconhecimento das contribuições femininas, para uma maior inclusão no espaço eclesial.

5. A compreensão dos incrédulos e sua busca por significado fora da religião organizada deve considerar suas motivações e experiências pessoais. Assim como a fé é complexa e não pode ser reduzida a dogmas ou instituições, o diálogo entre o mundo religioso

⁹ ECO, U.; MARTINI, C. M. *Em que creêm os que não creêm*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

(como o católico) e o mundo laico é essencial. Apesar das divergências, ambos devem coexistir para abordar questões de moralidade, sentido e pertença.

Em resumo, o livro “Em que creem os que não creem?” propõe um diálogo aberto e inclusivo sobre temas relevantes à sociedade contemporânea, promovendo uma reflexão profunda sobre crença, moralidade e identidade em um mundo diversificado.

Somado a isto, estão os pensamentos e conexões de Friedrich Nietzsche e Zygmunt Bauman, que abordam a crise de sentido na sociedade moderna: Nietzsche discute o impacto da “morte de Deus” e do niilismo, enquanto Bauman foca na fluidez e incerteza da “modernidade líquida”, onde os valores e as instituições tradicionais são questionados.

Para Nietzsche, a moral é uma construção humana, formada por costumes e valores específicos de um tempo e lugar, mantidos por pessoas que a seguem mais por hábito e submissão do que por seu valor intrínseco ou benefícios:

... quanto menos a vida é determinada pelos costumes, menor é o cerco da moralidade. O homem livre é imoral, porque em todas as coisas quer depender de si mesmo e não de uma tradição estabelecida: em todos os estados primitivos da humanidade, 'mal' é sinônimo de 'individual', 'livre', 'arbitrário', 'inabitual', 'imprevisto', 'imprevisível'.¹⁰

Para Bauman, a “modernidade líquida” tem instituições líquidas, pois cada pessoa é uma instituição. A moralidade se torna fundamentalmente ambígua, porque não há códigos universais ou regras definitivas para guiar as ações morais, e as escolhas individuais se tornam o principal campo de batalha moral:

O mundo está cheio de possibilidade, é como uma mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia provar de todos. Os comensais são os consumidores, a mais custosa e irritante das tarefas que se pode pôr diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades: a necessidade de dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las. A infelicidade

¹⁰ NIETZSCHE, F. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2007, p. 9.

dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha...¹¹

Tanto Nietzsche quanto Bauman desafiam a ideia de estabilidade e segurança ao apontarem que a modernidade confronta o indivíduo com a ausência de valores sólidos e a constante fluidez social. No entanto, ambos sugerem que essa instabilidade não representa apenas uma crise, mas também uma oportunidade: a de ressignificar a existência e criar novos sentidos e formas de viver, adaptando-se às mudanças e construindo valores próprios.

As reflexões de Nietzsche, no final do século XIX, Bauman, em meados do século XX, e Eco e Martini, ao final do século XX, compõem um percurso de ideias que antecipam os efeitos da pós-modernidade sobre a sociedade e a cultura. As contribuições desses pensadores oferecem uma análise profunda das dinâmicas contemporâneas e da busca por sentido em tempos de constantes mudanças e incertezas, em um cenário onde o processo de “desigrejamento” se torna cada vez mais evidente. Juntos, eles constroem um arcabouço teórico que prefigura os desafios da pós-modernidade, destacando transformações radicais nas concepções de identidade, verdade e comunidade, e alertando para as consequências de uma era marcada pela fragmentação e pela relativização de valores.

3. A influência do neoliberalismo no “desigrejamento”

O fenômeno do “desigrejamento” – um afastamento das instituições religiosas tradicionais – pode ser analisado, também, a partir das influências do neoliberalismo, especialmente no que tange a mudanças nas estruturas sociais, econômicas e culturais. O neoliberalismo, enquanto um modelo econômico e ideológico, propõe a diminuição da intervenção do Estado e a promoção do mercado livre, com foco no individualismo, na busca pelo sucesso pessoal e na maximização do consumo. Esse modelo tem implicações diretas na maneira como os indivíduos se relacionam com os valores coletivos e com as instituições religiosas.

3.1. O individualismo e a autonomia

¹¹ BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, p. 95.

O neoliberalismo promove a ideia de que os indivíduos devem ser autônomos, capazes de tomar suas próprias decisões no mercado e na vida cotidiana. Isso se reflete em um processo de desinstitucionalização das práticas religiosas. No contexto neoliberal, o mercado de religiosidade se diversifica, oferecendo uma gama de “produtos espirituais” que podem ser consumidos de forma individualizada e personalizada. Em outras palavras, as pessoas não precisam mais se submeter à autoridade das grandes instituições religiosas tradicionais, como a Igreja Católica, ou até mesmo às normas rígidas das igrejas protestantes.

O sociólogo José Casanova, afirma que o fenômeno do “desigrejamento” é relacionado à “privatização” da religião, onde a fé se torna uma questão pessoal e não mais uma experiência coletiva e institucionalizada. Casanova observa que, com a ascensão do neoliberalismo, as pessoas começam a se afastar das formas tradicionais de religiosidade. Ele explica que a crescente individualização da espiritualidade é uma resposta a um mundo onde as práticas religiosas se tornam cada vez mais flexíveis, adaptadas às necessidades e preferências pessoais. Como ele escreve, “a religião deixou de ser um fenômeno comunitário e institucionalizado, tornando-se, em grande parte, uma escolha individual, refletindo a lógica neoliberal de autonomia e consumo”.¹²

3.2. A commodificação

Outro ponto importante é a commodificação¹³ da religião, ou seja, a transformação da religião em um “produto” no mercado, algo que pode ser consumido de acordo com a demanda individual. Esse fenômeno está diretamente relacionado ao neoliberalismo, que vê o consumo como a base da experiência humana. O teórico David Harvey, um crítico do neoliberalismo, destaca como o neoliberalismo promove a transformação de ideias, sentimentos e práticas sociais em bens de consumo. Ele afirma que, sob essa ideologia, “o mercado é o

¹² CASANOVA, J. *Public Religions in the Modern World*. Chicago: University of Chicago Press, 1994, p. 89.

¹³ Commodificação (adaptação do inglês *commodification*) refere-se ao fenômeno contemporâneo em que muitos bens, serviços, ideias e também pessoas – outrora considerados não comerciais – passam a ser transformados em mercadorias vendáveis.

mediador supremo de todas as relações”, abrangendo até mesmo a espiritualidade e a religião.¹⁴

Além disso, Harvey discute a “financeirização de tudo”, argumentando que o neoliberalismo converte todos os aspectos da vida em mercadorias para maximizar o capital e satisfazer o consumo individualizado. Ele pontua que essa abordagem resulta na fragmentação de experiências coletivas, substituídas por práticas personalizadas que reforçam os valores de autonomia e flexibilidade impostos pela lógica neoliberal.¹⁵

Essa comodificação da religiosidade pode ser observada em diversas novas formas de espiritualidade que emergem fora das estruturas tradicionais de igrejas, como práticas de *Mindfulness*,¹⁶ terapias alternativas e grupos de autoajuda. Esses movimentos permitem uma religiosidade mais flexível e fragmentada, que não exige o compromisso institucional que caracterizava as formas tradicionais de fé.

3.3. O enfraquecimento das comunidades religiosas

O neoliberalismo, também, enfraquece a coesão das comunidades religiosas tradicionais, pois as políticas neoliberais incentivam uma maior mobilidade social, uma vida centrada na competição e no consumo, e uma pressão constante por resultados materiais e individuais. Isso contrasta com os princípios comunitários e coletivos das religiões tradicionais, que enfatizam o vínculo social, a solidariedade e a disciplina moral. Com a promoção do individualismo, muitos membros das igrejas começam a buscar uma espiritualidade mais voltada para as suas próprias necessidades pessoais, o que resulta em um enfraquecimento das formas coletivas de fé.

3.4. A secularização

¹⁴ HARVEY, D. *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 3.

¹⁵ HARVEY, D. *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 33-34.

¹⁶ *Mindfulness*, pode ser traduzida por atenção plena, é uma técnica de meditação criada nos anos 1970 nos EUA, baseada em preceitos budistas, mas sem caráter religioso. Seu objetivo é focar a atenção plena no momento presente, promovendo consciência das experiências internas e externas, sem julgamentos ou distrações.

A secularização, amplamente discutida por sociólogos como Max Weber e Émile Durkheim, também pode ser considerada uma consequência indireta do neoliberalismo. À medida que o neoliberalismo fortalece as esferas econômicas e políticas, as instituições religiosas perdem espaço na organização social e no poder político. Isso reflete a fragilização do papel da religião na esfera pública. A religiosidade deixa de ser uma força mobilizadora dentro da sociedade e se torna cada vez mais uma questão privada e pessoal.

3.5. A globalização e a fragmentação

O neoliberalismo também está intimamente ligado à globalização, que facilita a disseminação de ideias e práticas religiosas fora dos limites das instituições tradicionais. A globalização pode levar a uma fragmentação religiosa, onde pessoas buscam conexões espirituais através de redes digitais, eventos globais ou práticas esotéricas, em vez de se filiarem a uma igreja ou a uma religião institucionalizada. Nesse sentido, o neoliberalismo favorece um mercado religioso global, onde a diversidade e a competição entre crenças levam ao enfraquecimento das grandes organizações religiosas.

O “desigrejamento”, portanto, pode ser compreendido como uma resposta às transformações sociais, culturais e econômicas promovidas pelo neoliberalismo. Ao priorizar o individualismo, a competição e a autonomia, o neoliberalismo enfraquece as estruturas coletivas e tradicionais da religiosidade. Nesse contexto, a fé se transforma em uma escolha individual e flexível, enquanto as grandes instituições religiosas perdem sua relevância social e política. A religião assume, assim, características de um bem de consumo, personalizado e ajustado às demandas do indivíduo. Essas dinâmicas revelam o impacto do neoliberalismo na modernidade, onde a igreja perde sua centralidade e a espiritualidade se torna cada vez mais fragmentada e individualizada.

4. Pistas para o futuro

... sobre esta pedra edificarei a minha igreja; e as portas do Hades não prevalecerão contra ela (Mt 16,18).

... onde dois ou três estão congregados em meu nome, ali estou eu no meio deles (Mt 18,20).

O crescimento do “desigrejamento” apresenta um desafio profundo para as instituições religiosas, especialmente no contexto da “pós-modernidade”, em que as práticas espirituais se tornam mais individualizadas e menos dependentes das estruturas tradicionais. Diante disso, as igrejas e outras instituições enfrentam diversas questões centrais:

4.1. Reconstrução da confiança e da autoridade

O afastamento de muitos fiéis das instituições religiosas é provocado pela percepção de escândalos, corrupção, autoritarismo e hipocrisia. Para restaurar a confiança, as igrejas precisam revisar sua transparência, ética e a forma de interação com os membros, reafirmando sua autoridade moral e espiritual como mediadoras de sentido, de maneira relevante e confiável, sem imposição.

4.2. Diálogo com a modernidade e a secularização

O individualismo pós-moderno exige que as instituições religiosas ofereçam experiências espirituais mais personalizadas, especialmente para os jovens, que buscam uma fé significativa e flexível em relação a doutrinas rígidas. As igrejas devem criar espaços para uma espiritualidade vivencial que dialogue com as questões pessoais dos fiéis, promovendo suporte comunitário e um senso de pertença. Muitas pessoas se afastam das igrejas por considerá-las desconectadas da realidade contemporânea, com discursos que não abordam temas como justiça social, igualdade de gênero e crise ambiental. Assim, é essencial um diálogo com o mundo moderno, mantendo o foco espiritual.

4.3. Novas formas de comunidade e o papel das tradições

Com o avanço da tecnologia, muitos jovens estão se afastando das igrejas físicas, mas buscam conexões espirituais e comunitárias *online*. As instituições religiosas enfrentam o desafio de adaptar-se ao ambiente digital, criando novas formas de comunidade virtual para que indivíduos possam vivenciar sua fé. O uso de redes sociais e streaming permite que igrejas alcancem os “desigrejados” e ofereçam

experiências de fé mais diretas e informais, com práticas menos convencionais. Assim, é necessário reimaginar tradições e rituais, preservando a profundidade espiritual enquanto se tornam mais acessíveis a um público contemporâneo, equilibrando a identidade religiosa com novas demandas culturais.

4.4. O impacto da pós-modernidade e do neoliberalismo

Pensadores como Nietzsche e Bauman destacaram a crise de sentido na modernidade, em que os indivíduos buscam respostas para suas necessidades existenciais fora das estruturas religiosas convencionais. Paralelamente, os teóricos José Casanova e David Harvey destacam o impacto do neoliberalismo, que promove o individualismo e enfraquece a religiosidade coletiva, transformando a fé em uma escolha pessoal e adaptável, enquanto as instituições religiosas perdem relevância social e política.

4.5. O *Big Data* e o acesso à informação

Outro fator significativo que influencia o cenário do “desigrejamento” é o impacto do *Big Data*¹⁷ e do acesso à informação. Esses elementos têm contribuído para o fenômeno ao promover maior autonomia e pluralidade na vivência da fé, ao mesmo tempo em que revelam fragilidades das instituições religiosas. Por meio de algoritmos em plataformas digitais, os usuários têm acesso instantâneo a uma ampla variedade de conteúdos religiosos, como sermões, debates teológicos, livros e opiniões de diferentes líderes religiosos. Essa abundância de informações facilita o questionamento das doutrinas tradicionais, que antes eram transmitidas localmente, ao mesmo tempo em que fomenta uma pluralidade de perspectivas capaz de desafiar as estruturas institucionais estabelecidas.

Entretanto, o afastamento da religião institucional não significa rejeição da fé, mas sim a busca por novos significados. As igrejas enfrentam o desafio de se posicionar como fontes de orientação espiritual e moral que abordem questões centrais da vida moderna, como propósito, identidade e pertencimento. Muitos que desigrejaram mencionam a falta de uma comunidade autêntica como

¹⁷ O *Big Data* caracteriza-se pelo grande volume, diversidade e complexidade de dados, influenciando decisões e otimizando processos. Contudo, indivíduos e organizações enfrentam o desafio de selecionar informações relevantes para decisões fundamentadas.

motivo para seu afastamento, sentindo-se alienados por dinâmicas impessoais e hierárquicas. Por isso, é essencial criar espaços acolhedores, onde os indivíduos se sintam ouvidos e valorizados.

Sob a ótica de Nelson Bolmicar, a igreja precisa de uma nova perspectiva, que permita expressar o amor comunitário em diversos ambientes, de forma itinerante e não limitada a um espaço fixo. Essa visão renovada não nega sua essência espiritual, mas reforça seu propósito como um estilo de vida de fé relacional com Deus e com outros discípulos. Ser igreja é viver em comunhão e missão, promovendo o reino de Deus e seus valores em diferentes contextos.¹⁸

Na perspectiva pessoal, o “desigrejamento” é uma experiência de transformação que permite que a pessoa redefina sua fé, busque novos significados e explore uma espiritualidade que faça mais sentido em um nível individual. Segundo Bernhard Häring, o seguidor de Cristo deve buscar santidade, amor ao próximo e responsabilidade moral de maneira livre, orientado pela graça. Essa abordagem permite que o “desigrejado” viva sua fé de forma autêntica e comprometida, tornando-se um testemunho da presença de Deus no mundo, mesmo fora das estruturas eclesiais. É um processo que, embora possa envolver desafios, também oferece uma oportunidade para uma vida espiritual mais autêntica e centrada em uma relação direta e pessoal com Deus.¹⁹

Considerações finais

O fenômeno do “desigrejamento” requer estudos aprofundados e atenção estratégica por parte das denominações religiosas, sobretudo cristãs. Trata-se de um processo ainda em fase de compreensão, mas que já desafia as instituições religiosas a se reinventarem sem comprometer sua essência, buscando um equilíbrio entre tradição e inovação. Esse equilíbrio é necessário para oferecer uma prática de fé que responda às demandas contemporâneas por significado e espiritualidade.

Por outro lado, os “desigrejados” enfrentam desafios significativos, como a ausência de suporte comunitário, a fragmentação espiritual e a falta de orientação doutrinária. Esses

¹⁸ BOMILCAR, N. *Os Sem-Igreja: buscando caminhos de esperança na experiência comunitária*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2012, p. 96.

¹⁹ HÄRING, B. *A lei de Cristo – Teologia moral para Sacerdotes e Leigos*. São Paulo: Editora Herder, 1960, p. 11-12.

fatores podem levar à redução da espiritualidade a um consumo individualista e superficial. Contudo, também surge a oportunidade de explorar novas formas autênticas de vivenciar a fé, combinando autonomia espiritual com a criação de novas redes de apoio e sentido coletivo.

A compreensão do fenômeno do “desigrejamento” exige a superação de preconceitos e estigmatizações tanto em relação às instituições religiosas quanto aos “sem igreja”. É essencial que as igrejas não sejam vistas como estruturas ultrapassadas e falidas, e que os “desigrejados” não sejam simploriamente classificados como ateus ou contrários às instituições religiosas. Em vez disso, uma análise honesta deve considerar as transformações culturais, sociais e espirituais que moldam essa realidade, buscando um diálogo respeitoso e construtivo para entender as novas dinâmicas da fé e da espiritualidade no mundo contemporâneo.

O grupo dos “sem igreja” representa mais de 28 milhões de pessoas, o que equivale à maior denominação evangélica do Brasil, superando até a soma das seis maiores denominações tradicionais. Essa população revela uma diversidade significativa dentro do fenômeno do “desigrejamento”. Entre os “sem igreja”, encontram-se desde aqueles que estão se afastando da crença religiosa, até os que podem ser atraídos por novos modelos de prática e comunidade religiosa. Há também aqueles que, embora ainda frequentem fisicamente as instituições religiosas e mantenham vínculos formais, já não se identificam com as tradições, crenças ou práticas dessas instituições. Além disso, um número significativo e crescente de pessoas está desenvolvendo uma religiosidade totalmente “desigrejada”, abandonando a possibilidade de vínculo a uma estrutura institucional de maneira permanente.

Nesse sentido, estudos mais aprofundados são cruciais para esclarecer os desafios enfrentados tanto pelas igrejas quanto pelos “sem igreja”. O Censo IBGE de 2022, infelizmente, não trouxe dados específicos sobre os “desigrejados”, dificultando uma análise detalhada e atualizada do fenômeno. Ainda assim, estimativas apontam que esse grupo já representa cerca de 16% da população brasileira, indicando sua relevância crescente no cenário religioso do país. Há uma grande expectativa por levantamentos mais detalhados que permitam compreender as diferentes facetas do “desigrejamento”.

Por fim, uma possível interpretação para o título – “Eu sei por que você não acredita em Deus!” – poderia ser a ideia de que a falta de crença em Deus está relacionada com a imagem de Deus

apresentada por diversas denominações religiosas. Ou seja, o “Deus” pregado por muitas tradições pode não corresponder ao Deus revelado na Escritura Sagrada, causando um distanciamento entre a fé religiosa institucionalizada e a experiência autêntica com o divino. Essa perspectiva sugere que as representações distorcidas de Deus nas práticas religiosas podem afastar as pessoas da verdadeira compreensão e vivência espiritual.

Referências bibliográficas

- AGRESTE, R. *Igreja? Tô fora*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.
- AZEVEDO, I. B. *Gente cansada de igreja*. Belo Horizonte: Betânia, 2010.
- BARNA, G. *Revolução*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.
- BOMILCAR, N. *Os Sem-Igreja: buscando caminhos de esperança na experiência comunitária*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2012.
- CAMPOS, I. *Desigrejados – Teoria, história e contradições do niilismo eclesiástico*. São Gonçalo: Editora Contextualizar, 2014.
- CASANOVA, J. *Public Religions in the Modern World*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CÉSAR, M. C. *Feridos em nome de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.
- DATAFOLHA. *Por que jovens estão menos religiosos, mas não abrem mão da espiritualidade*. 8 jul. 2024 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/2024/07/por-que-jovens-estao-menos-religiosos-mas-nao-abrem-mao-da-espiritualidade.shtml>>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- ECO, U.; MARTINI, C. M. *Em que creêm os que não crêem*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- HÄRING, B. *A lei de Cristo – Teologia moral para Sacerdotes e Leigos*. São Paulo: Editora Herder, 1960.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HARVEY, D. *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Loyola, 2008.
- IBGE. *Censo demográfico 2010*. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 22 nov. 2024.

JACOBBSSEN, W.; COLEMAN, D. *Por que você não quer ir à igreja?* Belo Horizonte: Palavra, 2009.

KIMBALL, D. *Eles gostam de Jesus, mas não da igreja*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.

LOPES, A. N. *Os Desigrejados*. São Paulo. Disponível em: <<https://tempora-mores.blogspot.com.br>>. Acesso em 22 nov. 2024.

MELO NETO, J. E. T. *10 lições sobre Nietzsche*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

NIETZSCHE, F. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2007.

ROMEIRO, P. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

ULTIMATO, B. *Desigrejismo – “anomalia” ou opção?* São Paulo. Disponível em:

<<https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2018/11/13/desigrejismo-anomalia-ou-opcao/>>. Acesso em: 22 nov. 2024.

VIOLA, F.; BARNA, G. *Cristianismo pagão: analisando as origens das práticas e tradições da igreja*. Belo Horizonte: Palavra, 2008.

WELLS, P.; PALAU, L. *O que fazer quando não queremos ir à igreja?* São Paulo: Vida, 2008.

WOLFGANG, S. *Casas que transformam o mundo*. São Paulo: Vida, 2001.

YANCEY, P. *Alma sobrevivente*. São Paulo: Vida, 2004.

YANCEY, P. *Igreja, por que me importar?* São Paulo: Vida, 2008.~